

Motivações para empreender e inserção dos profissionais na carreira de artesão na indústria criativa cearense: Os Mestres da Cultura do Artesanato

Autoria: Márcia de Freitas Duarte

Este artigo teve como objetivo investigar as motivações ou fatores que conduziram os Mestres/Tesouros Vivos da Cultura Tradicional Popular do Ceará à atividade artesanal e seus processos de inserção na carreira, numa perspectiva empreendedora. Supõe-se que a trajetória profissional desses agentes possui características que remetem à noção de carreira empreendedora, cujo foco está no indivíduo, na possibilidade de sucesso baseado em talentos e capacidades individuais, tendo como elemento central de ascensão a criação de novos valores, produtos e serviços, sendo a criatividade e a capacidade de inovação os seus principais recursos. O artesanato abriga-se na chamada indústria criativa, a qual corresponde a um conjunto de setores e atividades que utilizam a criatividade, o talento e as habilidades humanas como principais insumos da produção de um amplo conjunto de bens criativos, desde os mais tradicionais, baseados nas artes e nas culturas populares, àqueles que requerem tecnologia intensa. Essas indústrias apresentam grande potencial estratégico para a geração de propriedade intelectual, ocupações e renda. O artesanato apresenta-se como uma atividade com grande valor econômico, social e cultural. Ancorado na produção manual, em geral à margem dos esquemas de mercado, o artesanato inclui situações de inquestionável competência artística e técnica, nem sempre conjugadas à contrapartida do sucesso econômico. Nesse contexto, torna-se importante analisar a carreira destes sujeitos detentores de competências artísticas e técnicas, analisando seu processo de inserção na carreira artesanal e os motivos que os conduziram a tal decisão. O referencial teórico foi construído a partir da literatura sobre empreendedorismo, indústria criativa e artesanato. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, classificando-se, quanto aos objetivos, como exploratória e descritiva. Quanto aos meios, utilizou-se de pesquisa de campo, pela técnica de história de vida, em estudo de casos múltiplos. Foram tomados como sujeitos, seis artesãos detentores do título de “Mestres da Cultura Tradicional Popular” ou “Tesouros Vivos da Cultura”, um título concedido pelo Governo do Estado do Ceará, referente a um reconhecimento simbólico da importância do artista popular no contexto cultural do Estado. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com roteiro semi-estruturado. Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo. Além da presença de habilidades e talentos inatos apresentados pelos artesãos, outros fatores ou motivos justificam sua inserção na carreira, tais como: necessidade de realização, necessidade de sobrevivência, insatisfação com experiências profissionais anteriores, ausência de outras oportunidades de trabalho e a forte identificação com a atividade artesanal. Constatou-se ainda que Mestres da Cultura do Artesanato parecem inserir-se do grupo de pessoas que empreendem por necessidade, visto que, com baixos níveis de capacitação e ausência de opções de trabalho, estes artesãos se viram diante da necessidade de sobrevivência e, por isso, adotaram o artesanato como profissão.

1 Introdução

A indústria criativa corresponde a um conjunto de setores e atividades que utilizam a criatividade, o talento e as habilidades humanas como principais insumos da produção de um amplo conjunto de bens criativos, desde os mais tradicionais até aqueles que requerem intensa tecnologia. Em uma perspectiva empreendedora, as indústrias criativas apresentam significativo potencial estratégico para a geração de propriedade intelectual, ocupações, renda e desenvolvimento local, seja como fator de valorização das tradições locais ou ainda como propulsor de uma nova classe de trabalhadores e de empreendedores baseados na nova economia do conhecimento e da inovação.

Dentre as atividades caracterizadas como indústria criativa, destaca-se o artesanato, atividade predominantemente manual que exige criatividade, habilidade e destreza (LIMA; AZEVEDO, 1982), aplicadas na produção de peças diferenciadoras que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, culturais, decorativas, funcionais, tradicionais ou religiosas (UNESCO, 1997) e que se destacam pela originalidade e representatividade cultural, transformando-as em artefatos únicos (BARROS, 2006).

Reis (2007) enfatiza que o artesanato apresenta-se como uma atividade com grande potencial para a geração de renda, ocupação e preservação e divulgação de tradições e culturas regionais, trazendo a possibilidade do artesão viver daquilo que deseja: sua cultura. No entanto, mesmo com a relevância socioeconômica e cultural do artesanato, segundo o SEBRAE (2008), ainda são necessárias ações com o objetivo de tornar o artesanato mais rentável e sustentável para que seus benefícios sejam duradouros e promovam a emancipação econômica e social dos artesãos.

Os artesãos brasileiros apresentam inquestionável competência artística e técnica, a qual possibilita uma produção carregada de sentidos simbólicos únicos e muitas vezes inimitáveis, mas que nem sempre está conjugada à contrapartida do sucesso econômico. Este parece ser o caso dos artesãos detentores do título de “Mestres da Cultura Tradicional Popular” ou “Tesouros Vivos da Cultura”, o qual é um título concedido pelo Governo do Estado do Ceará, que se refere a um reconhecimento simbólico da importância do artista popular no contexto cultural do Estado do Ceará. Sua obtenção depende do atendimento cumulativo de certos requisitos, dentre eles, a análise da situação econômica e social do candidato (CEARÁ, 2006). Obtido o título e comprovada a situação de carência econômica, o Mestre da Cultura fará jus à percepção de auxílio financeiro e vitalício a ser pago, mensalmente, pelo Estado, em valor não inferior a um salário mínimo (CEARÁ, 2006).

Assim, este estudo teve o objetivo de investigar as motivações ou fatores que conduziram os artesãos diplomados com o título de Mestre/Tesouro Vivo da Cultura a inserirem-se na carreira empreendedora referente à atividade artesanal. Parte-se da suposição de que a trajetória profissional desses agentes possui características que remetem à noção de carreira empreendedora, a qual, segundo Chanlat (1995), é aquela cujo foco está no indivíduo, na possibilidade de sucesso baseado em talentos e capacidades individuais e que tem como elemento central de ascensão a criação de novos valores, produtos e serviços, sendo a criatividade e a capacidade de inovação os seus principais recursos.

Espera-se que a compreensão do processo de inserção profissional na carreira empreendedora do artesanato bem como os fatores que motivaram tal decisão possa ser utilizada como base na concepção de ações e políticas de fomento e fortalecimento de iniciativas empreendedoras no setor de artesanato, permitindo a capacitação, a profissionalização e a melhoria da qualidade de vida dos agentes, os quais, por meio de tais iniciativas, poderão utilizar o potencial do artesanato para gerar emprego, renda e desenvolvimento local.

2 O artesanato como indústria criativa

Conforme Hartley (2005), o grupo das indústrias criativas representam a convergência conceitual e prática das artes criativas com as indústrias culturais (escala de massa), no contexto de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) e no escopo de uma nova economia do conhecimento, para o uso dos novos consumidores-cidadãos interativos.

Embora ainda seja um conceito em desenvolvimento, a análise das definições de indústrias criativas presentes na literatura leva à constatação de que as mesmas correspondem às atividades e setores que apresentam as seguintes características: utilizam atributos humanos tais como a criatividade (JEFFCUTT, 2000; DCMS, 2001; HOWKINS, 2001; RATZENBOCK et al., 2004; BENDASSOLLI et al., 2009), talento, habilidades (BATISTA; GOMES; VIEIRA, 2006) e capital intelectual (UNCTAD, 2008) como seus principais insumos produtivos; produzem bens criativos (UNCTAD, 2008), caracterizados pelo seu valor simbólico (THROSBY, 2001) e que lidam, direta ou indiretamente com a cultura (LIMA, 2005); têm grande potencial para a geração de propriedade intelectual (DCMS, 2001; HOWKINS, 2001); são caracterizados por fazerem parte de um amplo espectro setorial, já que são formadas por setores e atividades bastante distintos entre si (JEFFCUTT, 2000; RATZENBOCK et al., 2004; BORGES, 2005; QIDI, 2006; UNCTAD, 2008); e apresentam potencial estratégico para a geração de ocupações e de renda (DCMS, 2001; REIS, 2008, UNCTAD, 2008).

Segundo a UNCTAD (2008), os países desenvolvidos e em desenvolvimento podem encontrar maneiras de aperfeiçoar o potencial das indústrias criativas para gerar crescimento socioeconômico, criar empregos e exportar ganhos ao mesmo tempo em que promovem a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano. Do ponto de vista local, Florida (2003) salienta que a criatividade e o talento podem contribuir para o desenvolvimento econômico regional.

No âmbito das indústrias criativas, o artesanato está presente em cinco modelos de classificação do setor (DCMS, 2001; THROSBY, 2001; MARCUS, 2005; DECON, 2008; UNCTAD, 2008) e, conforme três deles (THROSBY, 2001; MARCUS, 2005; DECON, 2008), esta é uma atividade inserida no núcleo da indústria criativa.

Conforme dados do IBGE (2007), dentre as atividades culturais e artísticas desenvolvidas no país, o artesanato se destaca como uma das principais manifestações culturais, estando presente em 64,3% dos municípios brasileiros. A região Nordeste é uma área de grande tradição cultural e turística e desponta como cenário de ricas expressões do artesanato nacional (SEBRAE, 2008). Um estudo elaborado pelo Banco do Nordeste em 2002 apontou a existência de, aproximadamente, 3,3 milhões de pessoas inseridas no setor artesanal na referida região. Além disso, o Nordeste possui ainda grande potencial turístico, cujo fluxo potencializa o desenvolvimento do artesanato, o qual é uma fonte de encantamento para os visitantes da região (BNB, 2002). O referido estudo ainda aponta que, no Estado do Ceará, 76,1% dos municípios produzem artesanato, fato que evidencia a importância que o setor representa para Estado.

Do ponto de vista social, Silva (2006) explica que, ao se estimular o resgate das atividades econômicas baseadas no fazer manual e na manufatura primitiva, promove-se, na atualidade, a inclusão produtiva de determinados segmentos populacionais menos favorecidos, principalmente aqueles estacionados no espaço entre o conhecimento informal, aprendido em relacionamentos primários e entre gerações e o ensino formal, da lógica da educação dos indivíduos para o mundo do trabalho. Para Luiz Carlos Barboza, diretor-técnico do SEBRAE, o maior desafio é transformar o artesanato numa atividade econômica com base em melhores condições empresariais, organizando e estruturando os produtores e canais de comercialização para que haja uma cadeia produtiva eficiente e com resultados sustentáveis (SEBRAE, 2008). Para tanto, torna-se necessário compreender o desenvolvimento da carreira

dos artesãos, identificando, dentre outros aspectos, as formas de inserção profissional, o processo produtivo, as dificuldades encontradas e como ocorre a venda dos produtos.

3 Fatores motivadores da decisão de empreender

Em relação às particularidades da carreira empreendedora, Greenhaus e Callanan (1994) apresentam uma série de características que a distinguem das carreiras tradicionais, nas quais o indivíduo é empregado de uma organização: alto grau de comprometimento pessoal, menor grau de estruturação, tendência para a ação e inovação e realização de uma série de papéis simultaneamente.

Torna-se empreendedor, nesse contexto, significa experimentar uma carreira diferente da tradicional, na qual o indivíduo desenvolve suas atividades laborais no interior de uma organização. Assim, a decisão de empreender é resultado de um conjunto de fatores que inclui características tanto do indivíduo, sejam elas comportamentais ou não, bem como aspectos caracterizadores do ambiente ou do contexto no qual o indivíduo está inserido (KURATKO, 2009; BYGRAVE, 2004; GREENHAUS; CALLANAN, 1994).

Quanto aos aspectos comportamentais, Greenhaus e Callanan (1994) ressaltam que várias pesquisas têm demonstrado que os empreendedores possuem certas características psicológicas, traços de personalidade e atitudes que os predispõem a embarcar na carreira empreendedora. Alguns dos aspectos comportamentais que motivam a opção pela carreira empreendedora são apresentados no **Quadro 1**.

| ASPECTOS COMPORTAMENTAIS QUE CONTRIBUEM PARA A DECISÃO DE EMPREENDER | |
|--|---|
| Elevada necessidade de realização – trabalhar com o que gosta é o melhor retorno possível, pois o retorno financeiro é consequência do seu desempenho e esforço na carreira. | McClelland (1961); Filion (1999) |
| Necessidade de autonomia e independência, no sentido de desejar trabalhar para si mesmo e de ter liberdade de escolha, de tomar decisões, de expressar-se, de não estar subordinado à supervisão direta e aos processos burocráticos | McClelland (1961), Greenhaus e Callanan (1994); Filion (1999); Bygrave (2004); Hisrich e Peters (2004); Dornelas (2005) |
| Necessidade de criar algo novo (negócios, produtos, serviços ou soluções criativas) e pôr em prática idéias próprias. | Degen (1989); Schein (1993; 1996); Dolabela (1999); Kuratko (2009) |
| Locus de controle interno: empreendedores acreditam que podem controlar o ambiente ao seu redor e seu destino, por meio de suas próprias ações e comportamentos | Bygrave (2004) |
| Inclinação profissional empreendedora, a qual reflete um desejo de ter liberdade e autonomia para construir uma organização ou criar novos negócios baseados na imagem que o empreendedor tem de si mesmo | Schein (1993; 1996), Greenhaus e Callanan (1994) |
| Propensão para assumir riscos calculados; Diante da necessidade de realização e autonomia, abrem mão da segurança pelo risco do negócio próprio. | McClelland (1961); Filion (1999); Klerk e Kruger (2002); Hisrich e Peters (2004); Drucker (2005); Kutatko (2009) |
| Tolerância a ambigüidades e incertezas - capacidade para lidar com situações conflituosas e resolver problemas. | Filion (1999); Timmons e Spinelli (2003); Bygrave (2004) |
| Comprometimento e dedicação - empreender exige tempo, esforços e energia necessários para transformar idéias e oportunidades em negócios | Timmons e Spinelli (2003); Bygrave (2004); Dornelas (2005) |
| Forte interesse ou identificação por um produto ou atividade - o indivíduo se identifica tanto com um produto ou serviço que provê-los torna-se, naturalmente, uma opção de carreira. | Greenhaus e Callanan (1994); Bygrave (2004); Dornelas (2005) |
| Criatividade e capacidade adaptativa (flexibilidade, abertura para mudanças, soluciona problemas de forma criativa). | Timmons e Spinelli (2003) |

QUADRO 1 – Fatores comportamentais que contribuem para a decisão de empreender.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir das referências consultadas.

Os aspectos comportamentais destacados acima são também apresentados na literatura como alguns dos atributos do perfil ideal de um empreendedor de sucesso. No entanto, a

análise dos diferentes perfis propostos por autores como McClelland (1961), Fillion (1999), Timmons e Spinelli (2003), Bygrave (2004) e Dornelas (2005) revelam que o perfil ideal de um empreendedor deve ser constituído não apenas de aspectos comportamentais, mas também de habilidades técnicas e administrativas, como propõem Hisrich e Peters (2004) e Dolabela (2008). Este último autor ainda destaca o aprendizado, afirmando que muitas das características que formam o perfil empreendedor podem ser aprendidas ou desenvolvidas.

Além dos fatores citados, existem ainda outros atributos não comportamentais, mas que também exercem influência na decisão de empreender, tais como idade, histórico profissional e insatisfação com empregos anteriores.

Em relação à idade, Bygrave (2004), explica que a decisão de começar um novo negócio parece mais fácil quando se é jovem, solteiro e sem dependentes. No entanto, Longenecker, Moore e Petty (1997) destacam que o jovem é desencorajado a iniciar uma carreira empreendedora por sua falta de experiência e acesso a recursos financeiros. Em contrapartida, pessoas de mais idade podem não estar dispostas a assumir o risco de abrir um negócio próprio e perder o patrimônio conquistado ao longo do tempo.

O histórico profissional, conforme Hisrich e Peters (2004), mostra-se relevante na análise das decisões de empreender na medida em que os empreendedores tendem a ter maior probabilidade de sucesso quando o empreendimento criado se situa em seu campo de atuação profissional. Por outro lado, Bygrave (2004) afirma que, quando se trabalha em determinado setor/ atividade há bastante tempo e se conhece as dificuldades inerentes ao mesmo, pode haver certo pessimismo em relação ao sucesso na área.

Outro aspecto relacionado às experiências profissionais é a insatisfação com o emprego, a qual está relacionada a aspectos como falta de desafios ou oportunidades de promoção, frustração, tédio, rebaixamento de cargo, transferência para local indesejado e outros (HISRICHE; PETERS, 2004). Essa insatisfação, conforme Brockhaus e Horwitz (1986) aparece como a principal fonte impulsionadora do autoemprego, pois parece não somente afastar o empreendedor de seus postos de trabalho anteriores, mas também convencê-lo de que nenhum outro emprego poderá satisfazê-lo. Assim, a única solução viável seria tornar-se dono de seu próprio negócio, ou seja, empreender também como uma forma de se atingir a satisfação por meio do trabalho.

Quanto aos aspectos ambientais, autores como Greenhaus e Callanan (1994), Bygrave (2004), Dornelas (2005) e Kuratko (2009) enfatizam o papel exercido pelo ambiente nas escolhas do indivíduo em relação à carreira empreendedora, conforme o **Quadro 2**.

| ASPECTOS AMBIENTAIS QUE CONTRIBUEM PARA A DECISÃO DE EMPREENDER | |
|--|--|
| Os empreendedores parecem ter um modelo, alguém que os influencia a tomar a decisão de empreender. Podem atuar como modelos: familiares, amigos, outros empreendedores, líderes ou figuras importantes. | Fillion (2000); Greenhaus e Callanan (1994); Hisrich e Peters (2004); Dornelas (2005); Dolabela (2008) |
| Ambiente familiar favorável – o fato de ter pais empreendedores pode influenciar a decisão a empreender porque a natureza independente e a flexibilidade do trabalho autônomo são absorvidas ainda em idade precoce. | Hisrich e Peters (2004) |
| Perda de emprego e dificuldades de inserção do mercado de trabalho. | Fillion (1999); Dornelas (2007); GEM (2009) |
| Deteção e visualização de uma oportunidade que pode ser explorada e transformada em negócio. | Fillion (1999); Dornelas (2007); GEM (2009) |

QUADRO 2 – Aspectos ambientais que contribuem para a decisão de empreender.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir das referências consultadas.

Dos fatores mencionados no **Quadro 2**, a perda de emprego e a deteção de oportunidades ou ideias que podem ser exploradas e transformadas em negócio remetem a dois tipos de empreendedorismo: voluntário e involuntário (FILION, 1999) ou por oportunidade e por necessidade (GEM, 2009). Segundo Fillion (1999), a categoria involuntária

é um produto dos anos 1990 e é composta principalmente de recém-formados e pessoas demitidas após fechamento ou reestruturação de corporações e que não foram capazes de encontrar empregos, sendo, portanto, forçadas a criá-los. De forma semelhante, a pesquisa GEM (2009) refere-se a esse grupo de pessoas como empreendedores por necessidade. Segundo Dornelas (2007), estas pessoas envolvem-se em negócios informais, desenvolvendo tarefas simples, prestando serviços e conseguindo como resultado pouco retorno financeiro.

O outro extremo da atividade empreendedora é formado por um grupo de empreendedores que iniciou sua atividade para melhorar sua condição de vida ao observar uma oportunidade para empreender (GEM, 2009), ou seja, são empreendedores voluntários (FILION, 1999). Dornelas (2007) refere-se a estas pessoas como empreendedores que aprendem, pois são indivíduos que, ao se depararem com uma oportunidade de negócio, tomaram a decisão de mudar o que faziam na vida para se dedicar ao negócio próprio.

Após a análise dos fatores descritos anteriormente, percebe-se, de forma mais clara, que a decisão de empreender é influenciada tanto por características individuais, sejam elas comportamentais ou não, como por aspectos ambientais. Certas pessoas podem ter uma influência mais forte por um ou outro fator ou conjunto deles, de forma que é necessário compreender que a motivação para empreender não está associada à presença de todos esses fatores em um mesmo indivíduo. Além disso, Dolabela (2008, p. 23) também explica que o empreendedorismo é um fenômeno local, ou seja, existem cidades, regiões, países mais – ou menos – empreendedores que outros, e cultural, por ser fruto de hábitos, práticas e valores das pessoas. “O perfil do empreendedor (fatores de comportamento e atitudes que contribuem para o sucesso) pode variar de um lugar para outro”.

4 Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida na forma de um estudo qualitativo, em virtude do fenômeno estudado e do objetivo pretendido, pois se buscou ouvir dos sujeitos a suas histórias e experiências profissionais e de vida, as quais resultaram no seu reconhecimento artístico, bem como a compreender o contexto nos quais os artesãos estavam inseridos no momento em que optaram por esta carreira, buscando-se preservar a riqueza e expressividade das experiências profissionais desses sujeitos.

Quanto aos fins e/ou objetivos, esta pesquisa é exploratória e descritiva. É exploratória, pois aborda uma temática ainda pouco investigada (COOPER; SCHINDLER, 2003) na literatura dos estudos organizacionais e estratégicos, principalmente quando se considera a baixa existência de estudos acerca da economia e indústria criativa cearense e a carreira de seus agentes. É descritiva por descrever ou definir um assunto, como o perfil de um grupo de pessoas, por exemplo (COOPER; SCHINDLER, 2003), expondo as características do mesmo ou de determinado fenômeno (GIL, 2002).

Quanto aos meios, utilizou-se a técnica de história de vida, associada estudo de caso múltiplo ou multicase. Como recurso metodológico, Santamarina e Marinas (1999) explicam que as histórias de vida são formadas por relatos que se produzem com a intenção de elaborar e transmitir uma memória, pessoal ou coletiva, a partir da narração dos próprios atores. Paulilo (1999) descreve que, por meio deste método, pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social e permitir que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Nas modalidades apresentadas por Meihy (2002), que coloca a história de vida no amplo quadro da história oral, o estudo enquadra-se como história oral temática e da história oral de vida. Trata-se de história oral temática porque há uma certa objetividade, ou seja, parte-se de um assunto específico, no caso os fatores motivadores da inserção na carreira empreendedora do artesão. No entanto, há fortes elementos de história oral de vida, já que o sujeito teve autonomia para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal e profissional. Tal método mostrou-se pertinente por permitir a reconstrução das

trajetórias profissionais dos sujeitos de pesquisa, a partir do seu próprio relato e, com isso, proporcionar uma compreensão mais detalhada acerca do processo de inserção na carreira e dos fatores que os motivaram a optar pela atividade artesanal. Trata-se ainda de um estudo de caso múltiplo ou multicaseos (YIN, 2001; GIL, 2002; TRIVIÑOS, 2007), pois a história de vida de cada sujeito é compreendida como um estudo de caso em si, no sentido de que cada uma delas é estudada de forma profunda, exaustiva e detalhada, características do estudo de caso, segundo Gil (2002) e Triviños (2007).

Os sujeitos foram selecionados considerando os seguintes critérios: a) ser detentor do Título de Mestre / Tesouro Vivo da Cultura Tradicional Popular do Ceará; b) Desenvolver atividades no campo do artesanato. Foram realizadas tentativas de contato com os 10 (dez) Mestres da Cultura que realizam atividades artesanais. Destes, 02 (dois) estavam impossibilitados de participar da pesquisa devido a problemas de saúde e 02 (dois) não foram localizados. Assim, o estudo cobre 6 (seis) dos 10 (dez) detentores do título, o que pode permitir uma visão satisfatória do campo. Este procedimento é não probabilístico (MARCONI; LAKATOS, 2007) e baseado na acessibilidade (VERGARA, 2007). Não sendo um estudo quantitativo, a quantidade de sujeitos estabelecida é aceitável, pois segundo Collis Hussey (2005), numa pesquisa de caráter qualitativo, é possível conduzir o estudo até com uma amostra de um.

Na coleta de dados, realizada por meio de pesquisa de campo nos municípios cearenses onde residem os sujeitos, foi utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada, por esta valorizar tanto a presença do investigador como oferecer perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (TRIVIÑOS, 2007). O roteiro foi elaborado com base nos conteúdos que contribuiram para a elaboração do referencial teórico como recomenda Triviños (2007). O tratamento dos dados foi iniciado com a transcrição das entrevistas. Na análise, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1995). Apresenta-se a análise individual dos processos de inserção na carreira empreendedora de artesão de cada sujeito e, ao final, apresenta-se a análise dos casos estudados.

5 Mestres da Cultura: motivação para empreender

5.1 Espedito Seleiro

Espedito Veloso de Carvalho (Espedito Seleiro) nasceu em Arneiroz-CE, em 1939. Reside em Nova Olinda-CE, onde exerce suas atividades profissionais como artesão na tipologia couro. Destaca-se pela produção de sapatos, sandálias, bolsas e artigos para vaqueiros. Foi diplomado Mestre/Tesouro Vivo da Cultura em 2008. A entrevista foi realizada em sua loja e oficina, em Nova Olinda-CE, no dia 12 de novembro de 2009.

Espedito Seleiro iniciou sua vida laboral como aprendiz de artesão em 1947, ajudando seu pai, artesão conhecido na região por produzir selas, gibões, chapéus e sandálias: “quando eu comecei já foi mais o meu pai. Eu trabalhava mais ele desde novinho, desde 8 anos. Eu nunca aprendi a fazer outra coisa a não ser trabalhar com o couro”. Na adolescência, o artesão cogitou outras opções de carreira. Aos 16 anos, decidiu criar um pequeno comércio, mas, mesmo considerando que tinha um bom negócio em mãos, não se sentia satisfeito e realizado:

Depois que eu já tava com a base de 16 anos, deu a preguiça e eu fui inventar de botar um comércio. Mas só que dentro do comércio eu nunca tava satisfeito. Não tava com aquele destino que eu tinha, né. Eu vendia bem as coisas que eu botei pra vender, tinha bastante freguês. Era uma mercearia que eu tinha. Era secos e molhados (sic). Era cereais (sic), era bebidas (sic), essas coisas assim. Mas o meu destino era outro. [...] Eu ficava dentro da mercearia mais aquilo pra mim tava faltando uma coisa assim no meu modo de pensar. A minha vontade de viver não é nesse trabalho aqui não. Mas nunca faltou a oficina. [...] Quando não tinha gente pra eu tá vendendo eu tava trabalhando fazendo peça de couro.

Essa insatisfação com o comércio, aliada ao desejo de identificar-se com a atividade profissional realizada, levou Mestre Espedito a abandonar o comércio e dedicar-se à carreira de artesão: “até que eu acabei com aquilo [a mercearia], e comecei a ... peguei o dinheiro da venda que eu tinha e comprei de material em couro. [...] Eu tinha na faixa de 18 anos”. Desde então, o sujeito tem o artesanato em couro como sua única atividade produtiva.

Ao longo de sua carreira, foi possível constatar a evolução da sua técnica e dos produtos confeccionados pelo artesão. A queda das vendas de artigos voltados para os vaqueiros, bem como o extenso ciclo de vida destes produtos, o levou a diversificar sua produção: “peguei os desenho das selas, daquelas selas bonita que existia que era dos ciganos, era do fazendeiro, era do deputado, era do governador [...]. Peguei o desenho da sela e joguei pra cima das bolsa (sic), sandálias”.

Atualmente, Mestre Espedito afirma não se arrepender de sua opção de carreira:

acho que o meu prazer é de morrer aqui dentro trabalhando. Eu acho que se eu pegasse assim, se Nova Olinda todinha fosse minha, eu ainda não deixava de trabalhar. Aí é que eu fazia coisa mais difícil ainda que era pra chamar a atenção das pessoas lá de fora. Além d’eu precisar, o meu destino é esse mesmo, num tem outro, a minha vontade é de tá aqui misturado com o couro, com o cabra aprendendo, com todo mundo aqui.

Quanto às suas aspirações, afirma não se preocupar quanto ao futuro e relata que está conformado com sua situação atual e que vai expandindo o negócio conforme suas possibilidades. No entanto, destaca que o atendimento das necessidades dos clientes, no sentido de lhes oferecer produtos diferenciados e de qualidade, é sua preocupação constante

5.2 Maria Cândido

Maria de Lourdes Cândido Monteiro (Maria Cândido) nasceu em Pernambuco, em 1939. Reside em Juazeiro do Norte-CE, onde exerce suas atividades profissionais como artesã na tipologia barro ou cerâmica. Destaca-se pela produção de temas que retratam cenas do cotidiano nordestino. Foi diplomada Mestre/Tesouro Vivo da Cultura em 2004. A entrevista foi realizada em sua residência, em Juazeiro do Norte-CE, no dia 13 de novembro de 2009.

Em 1946, ainda criança, Maria Cândido já trabalhava para colaborar com o sustento da família: “de 7 ano pra diante, papai botou nós (sic) no trabalho [...] na roça, a gente era os homem do trabalho do papai (sic). Essa situação permaneceu constante até 1959, quando, aos 20 anos, Maria Cândido se casou e passou a se dedicar exclusivamente às atividades domésticas e à criação dos filhos. No entanto, após 9 anos, diante de necessidades de sobrevivência, a artesã voltou a trabalhar como agricultora, ajudando o marido na medida em que a família ia crescendo.

Embora tivesse uma irmã artesã, Maria Cândido nunca se interessou pela atividade até que, em 1972, quando tinha 33 anos e já havia retornado ao trabalho na agricultura, começou a modelar pequenos brinquedos para os filhos, pois sua condição financeira não a permitia comprar aqueles que os filhos lhe pediam:

“[...] eles ficavam aperrando porque já existia aquelas brincadeiras que tem para criança, né e eles queriam e eu dizia não dá pra comprar porque se eu tirar o dinheiro da feira para comprar brinquedo pra eles, vai diminuir bastante (sic). [...] Aí eu fui lá colhi o barro e aí fui e fiz, pras três menina [...] eu fiz panelinha, pote, fogaleiro (sic), fazia aquelas cestinhas, prato e essas coisinhas assim pra elas brincarem, né. E pro menino [...] eu fiz cavalo, cachorro, gato, porquinho, aqueles jumentinho com cassoá, aqueles cavalinho com os home amontado (sic) e eles se enterteram (sic) brincando né, aí deu pra eu cuidar melhor da roça e de casa e eles se enterriam brincando (sic).

Para ocupar o tempo ocioso após a colheita, a artesã passou a produzir peças utilitárias de barro, as quais eram vendidas no centro da cidade. Diante da necessidade de ajudar o marido com o orçamento familiar, a artesã preferiu continuar trabalhando com a cerâmica a retornar ao trabalho na lavoura, já que seus produtos foram bem aceitos no comércio local e

esta passou a interessar-se pelo artesanato: “aí foi continuando e eu achando bom, fui gostando [...] enquanto tiver vida e disposição nós vamos trabalhando”.

Destaca-se ainda o fato de que Maria Cândido iniciou suas atividades artesanais produzindo peças utilitárias, mas, nas décadas de 1970 e 1980, migrou para o artesanato decorativo, pois passou a produzir temas, os quais são placas de barro/cerâmica produzidas para serem fixadas em paredes, como quadros, de onde emergem bonecos que representam cenas do cotidiano e do imaginário nordestino. Essa mudança retrata a evolução da técnica da artesã, a qual foi possível por meio da criatividade da mesma, de seu aprendizado ao longo da carreira e o fato de que a mesma estava atenta às oportunidades e ao ambiente que a cercava.

Atualmente, Maria Cândido está aposentada e dedica-se integralmente ao artesanato. Mesmo com as dificuldades enfrentadas e os desafios atuais, ela se mostra satisfeita com a carreira: “porque eu adoro, é a minha vida. [...] Eu só posso deixar, que nem é que eu canso de dizer, eu só abandono no dia quando disser assim: bati as botas. Mas enquanto Deus me der vida e saúde e disposição, eu enfrento (sic)”.

5.3 Dona Francisca

Francisca R. Ramos do Nascimento (Dona Francisca) nasceu em Viçosa do Ceará-CE, em 1939, local onde ainda reside em uma comunidade chamada Sítio Tope. A artesã confecciona bonecas, baianas, presépios e jarros decorativos. Foi diplomada Mestre/Tesouro Vivo da Cultura em 2005. A entrevista foi realizada em sua residência, em Viçosa do Ceará-CE, no dia 20 de novembro de 2009.

Sua vida profissional foi iniciada ainda na infância, ajudando os pais agricultores: “é assim né, a gente é filha de agricultor, né e começa com a agricultura (sic.). Em 1951, aos 12 anos, mesmo sem deixar de ajudar os pais na lavoura, Mestre Francisca teve seu primeiro contato com o artesanato, por meio de uma tia: “com 12 ano (sic) eu comecei trabalhar com essa minha tia. Ela era uma das artesã (sic) mais antiga, né. Ela é irmã do meu pai. Aí com 12 ano eu comecei, eu ia lá pra casa dela, comecei a trabalhar com ela preparando o barro, né”. No mesmo ano, sua tia começou a lhe ensinar como modelar o barro e a mesma passou a confeccionar peças como potes, jarros e outros utensílios e a trabalhar sozinha.

As peças produzidas passaram a ser comercializadas em feiras da cidade. O dinheiro das vendas era utilizado para complementar a renda da família de agricultores. A rotina de trabalhar como agricultora e como artesã permaneceu constante durante praticamente toda a vida produtiva de Dona Francisca, e se intensificou após o casamento, em 1961:

Com 22 ano (sic) eu me casei. E me casei e fiquei continuando, trabalhando na roça com meu marido e trabalhando na cerâmica. [...] Enquanto o feijão tava cozinhando eu tava batendo barro, peneirando, amassando. [...] Quando ainda eu não tinha família, nem tanto né, mas quando eu tive família, aí o negócio pesou.

A artesã deixou de trabalhar como agricultora muitos anos depois, quando os filhos já haviam crescido, já que essas atividades eram essenciais à subsistência da família:

[...] Porque eu criei meus filho (sic) tudo as custa desse trabalho de cerâmica e no trabalho na roça. [...] Mas a gente tinha o quê? As duas coisas. Não tinha como a gente sair da agricultura e não tinha como a gente sair do barro. Tinha que fazer. Porque se a gente não trabalha na agricultura, a gente tinha que comprar o feijão, o arroz, o milho, né. E quando a gente trabalhava na agricultura e trabalhava no barro, a gente tinha como fazer o pote pra vender pra comprar o que não tinha, o peixe, a rapadura, o café. Então a gente tinha que fazer as duas coisa (sic) porque as duas coisa (sic) tinha que se encaixar.

Quase toda a carreira de Dona Francisca foi marcada pela produção de peças utilitárias, mas a partir de 1997, uma iniciativa da Central de Artesanato do Ceará (CEART) - órgão do governo que intermedia a venda de produtos criados pelos artesãos, para o consumidor final - e a Ação Social de Fortaleza proporcionou melhores condições de trabalho para Mestre Francisca e outras artesãs locais. Ela passou por capacitações que a permitiram

mudar o estilo das peças. Assim, abandonou a produção de potes e peças utilitárias e começou a fazer peças decorativas. Um viagem à Bahia também a inspirou em produzir bonecas baianas e, observando a quantidade de filhos das mulheres da comunidade onde vive, inspirou-se na confecção de bonecas grávidas.

Em 2001, Dona Francisca aposentou-se e pôde dedicar-se integralmente ao artesanato. No entanto, apenas seu ritmo de trabalho foi reduzido, já que a mesma continua sendo artesã até hoje: “mas nunca deixei de trabalhar. Mesmo devagar, nunca deixei de trabalhar”. A artesã mostra-se bastante satisfeita com a carreira: “eu me sinto bem quando eu tô fazendo meu trabalho, tô fazendo minhas boneca (sic), tô fazendo as coisa que eu gosto. [...] Faço porque gosto do meu trabalho”.

5.4 Lúcia Pequeno

Lúcia Rodrigues da Silva (Lúcia Pequeno) nasceu em 1959, em Limoeiro do Norte-CE, onde ainda reside. Dedicou-se ao artesanato na tipologia barro/cerâmica e se destaca pela produção de conjuntos de chá e café, jarras e vasos. Foi diplomada Mestre/Tesouro Vivo da Cultura em 2004. A entrevista foi realizada em sua residência, no dia 21 de novembro de 2009.

A carreira de artesã foi iniciada ainda na infância, em 1969, pois seus pais também exerciam o ofício artesanal:

Desde criança que eu trabalho no artesanato. Quando a gente nasceu, meu pai mais minha mãe já trabalhava e todo mundo só aprendeu isso porque ninguém tinha outra arte. [...] Aí a gente era pequeno e [...] criança gosta de mexer com barro né, a gente começamos (sic) a mexer com barro, né, e aí foi aprendendo a fazer umas coisinha (sic) miúda, aquelas panelinha (sic), aquelas coisinha (sic) e daí a gente foi levando, fazendo e levando pra feira pra vender e até hoje a gente veve (sic) disso. Desde 10 anos que nós começamos (sic) a trabalhar.

Toda a família produzia peças em cerâmica, as quais eram vendidas em feiras locais. Após essa fase exploratória, ela explica que seus produtos passaram a ser bastante procurados:

Aí o pessoal de Fortaleza, o pessoal da faculdade via na feira a gente vender aí alguém começou a ver minhas peça (sic), minhas coisa (sic) e começou a encomendar. Eles trazia (sic) de Fortaleza o desenho, pedia pra mode (sic) eu fazer (sic). Aí, eles perguntaram: dá pra trazer pra feira? [Ela respondeu:] Não, é muita peça, dá muito trabalho, apareça lá em casa. Aí eles vinham, quando eles vinha (sic), vinha muita gente.

Em 1988, aos 29 anos, Lúcia Pequeno e os irmãos interromperam as atividades artesanais, em virtude da morte do pai: “aí a gente parou de trabalhar com o tempo porque era ele que queimava [o barro]. Aí a gente parou de fazer porque era só ele que queimava”. Para assegurar sua subsistência, a artesã passou a trabalhar como servente de limpeza: “Aí eu passei uns quatro ou cinco ano (sic) trabalhando na prefeitura num colégio que tinha lá em baixo e tinha saído uma mulher. [...] Trabalhava de auxiliar de serviço, lá varrendo, espanando, passando o pano, eu que fazia isso”.

Neste período, entre 1988 e 1993, a irmã mais velha de Lúcia Pequeno decidiu tentar queimar as peças de cerâmica e, aos poucos, retomava a produção de peças artesanais.

Após aproximadamente quatro ou cinco anos de trabalho como servente de limpeza, houve mudança no governo municipal: “esse prefeito que entrou aí não empregou mais gente de serviço prestado. Ficou só com o pessoal que tinha concurso”. Assim, diante do desemprego, Lúcia Pequeno decidiu dedicar-se novamente ao artesanato: “aí deu. Eu vou começar no meu barro (sic) de novo, que eu num tenho do que viver, eu vivo desse trabalho. Aí comecei a trabalhar com meu barro de novo, aí fiquei trabalhando”. Além disso, a artesã releva que ela e suas irmãs tinham também o desejo de manter viva a arte e tradição do trabalho em cerâmica: “ninguém vai acabar com a arte da gente não. Meu pai morreu, mas gente vai continuar trabalhando”. A partir dessa época, por volta de 1993, Lúcia Pequeno

retomou o ofício de artesã, até que o trabalho começou a ser reconhecido novamente e ela e suas irmãs abandonaram as feiras locais e passaram a vender para a CEART.

Atualmente, Lúcia Pequeno dedica-se integralmente ao artesanato: “mas nós ainda continua trabalhando. Se Deus quiser a gente vai trabalhar até ficar velhinha. Enquanto der pra gente trabalhar, a gente vai trabalhando. Eu acho bom trabalhar no meu trabalho”.

Lúcia Pequeno mostra-se satisfeita com sua atividade profissional, queixando-se apenas de sua saúde: “eu gosto de trabalhar. Acho bom trabalhar em casa, num tô trabalhando pra ninguém, vivo em casa trabalhando as minhas coisinha, trabalho até a hora que eu quero. Acho bom trabalhar.[...] Feliz. Deus me dando saúde se ele, se eu vivesse com saúde, eu pra mim eu tava tudo bem”.

5.5 Pedro Balaieiro

Pedro Alves da Silva (Pedro Balaieiro) nasceu em Maranguape-CE, em 1926. Atualmente, reside no distrito de Pernambuco, em Guaramiranga-CE, onde exerce suas atividades profissionais como artesão na tipologia cestarias e trançados com cipó imbé, destacando-se por confeccionar chapéus, luminárias, porta alimentos e objetos decorativos. Foi diplomado Mestre/Tesouro Vivo da Cultura em 2006. A entrevista foi realizada no dia 24 de novembro de 2009, na oficina/sala de exposição do referido Mestre, na Escola Profissionalizante Ubiratan Aguiar.

Pedro Balaieiro relata que foi obrigado a trabalhar desde cedo, pois na localidade onde nasceu ainda havia trabalho escravo: “com 6 ano, comecei a trabalhar. Fui obrigado a trabalhar, num deixaram eu ir pra aula. N’era (sic) meu pai não, era o patrão. Aí trabalhei pra ele de 6 ano (sic) até 14 ano (sic), de graça. Nunca recebi nada, que ele num (sic) pagava”.

Em 1940, aos 14 anos, Mestre Pedro deixou sua terra natal e partiu para Fortaleza-CE, onde trabalhou informalmente: “aí fui pra Fortaleza e lá fiz tudo. Vendi água na rua, vendi picolé. Eu num (sic) tinha letra, como é que podia me empregar?” Em 1949, como não conseguiu emprego na capital, partiu para Guaramiranga-CE, dedicando-se novamente à agricultura, mas se sentia insatisfeito: “é porque eu tava me dando mal e não tava me dando bem não”. Ele explica que, em uma oração, pediu a Deus que o mostrasse outra oportunidade: “aí em [19]53, teve um dia, eu cansado de trabalhar de enxada, pedi a Deus e a São Francisco que eles me desse (sic) um meio de eu viver sem ser trabalhando na enxada”. No mesmo ano, ao chegar em casa, Pedro Balaieiro se deparou com uma proposta para fazer balaio para armazenar alimentos. O artesão viu nesta ocasião a oportunidade de assumir uma nova atividade profissional como tanto desejava e, mesmo não tendo experiência com o artesanato, aceitou a encomenda. Suas primeiras peças, que em sua opinião não estavam muito boas, foram bem aceitas pelo cliente: “aí quando eu fiz três balaio (sic) mais parecido com ninho de sabiá do que um balaio, cheguei lá ele queria contratar dez milheiro (sic) de balaio”.

Após esse primeiro pedido, Mestre Pedro abandonou definitivamente a agricultura e passou a vender seus balaio na feira de Pacoti-CE e a ser conhecido como “balaieiro”. Em 1958, o artesão chegou a trabalhar numa empresa de aguardente, confeccionando coberturas de cipó para as garrafas. Esta experiência permitiu a aquisição de maior habilidade com a matéria-prima, de modo que o mesmo passou a produzir outras peças: “eu comecei a fazer uma cestinha. Aí eu comprava flor, fazia e vendia”.

A partir de sua criatividade, Pedro Balaieiro afirma que começou a desenvolver outros produtos, tais como abanos, cobridores de bolo e pães, cestos, abajures, chapéus, porta-ovos na forma de galinhas, cortinas, luminárias, brincos colares e outros artigos. Mestre Pedro também passou a utilizar as sobras na produção de novas peças.

Hoje, além do ofício de artesão, Pedro Balaieiro está aposentado e exerce ainda a função de porteiro da escola profissionalizante onde está localizada sua oficina e sala de exposição, além de ser zelador dos dois banheiros públicos da Vila Pernambuco: “eu sou

chaveiro do prédio todo. Zelador dos dois banheiro (sic) lá fora. Mas nem recurso pros dois banheiro lá fora chega não, eu faço é do meu bolso. Agora é só meio salário. [...] Meio salário pra ser responsável por esse prédio todinho, chave e tudo. Coisa que é uma perversidade”.

Mesmo com as dificuldades pelas quais passou, Mestre Pedro afirma se identificar com o artesanato: “é porque eu sou apaixonado pela arte. [...] Eu acho que eu só vou deixar quando eu morrer”. Ele ainda demonstra sentir orgulho por seu trabalho: “olhe, pegar um material da mata e transformar numa peça dessa, é uma beleza”.

5.6 Dona Nice

Maria de Castro Firmeza (Dona Nice) nasceu em Aracati-CE, em 1921, mas reside atualmente em Fortaleza-CE, onde exerce suas atividades profissionais como artesã, artista plástica e arte-educadora. Destaca-se por bordar blusas, vestidos e toalhas com desenhos exclusivos, criados por ela mesma. Foi diplomada Mestre/Tesouro Vivo da Cultura em 2007.” A entrevista com foi realizada em sua residência, no dia 26 de novembro de 2009.

Dona Nice afirma ter se interessado pelas artes ainda na infância, principalmente pelo desenho e pintura. Sua mãe, vendo seu interesse, contratou uma freira para lhe ensinar pintura, mas a artesã explica que as aulas não duraram muito, pois sentia o desejo de criar e não fazer cópias de outros desenhos como lhe era exigido nas aulas.

O primeiro contato com o artesanato também ocorreu na infância, em 1929, quando tinha 8 anos. Na época, a artesã explica que as freiras do Colégio São José, em Aracati-CE, decidiram criar um patronato para ensinar algumas atividades às moças carentes da região. Dona Nice demonstrou interesse em ingressar no patronato para aprender a bordar, mas foi impedida por sua mãe. No entanto, seu pai a apoiou e a ajudou a frequentar as aulas, até que sua mãe tomou conhecimento do fato e a impediu de continuar o curso. No pouco tempo que frequentou as aulas, Mestre Nice conseguiu aprender apenas o básico em relação ao bordado e, desde então, passou muitos anos sem bordar peça alguma: “quer dizer, eu aprendi os ponto (sic). Eu nunca peguei mais em bordado, nem nada”.

Na adolescência, Dona Nice se mudou para Fortaleza-CE para cursar o ensino médio. Teve aulas de teatro e chegou se apresentar no atual Teatro Universitário, até que seu irmão a impediu de dar continuidade à carreira de atriz. Quando tinha aproximadamente 20 anos, Dona Nice começou a fazer algumas pinturas, principalmente retratando empregados das fábricas de Fortaleza. Certo dia, um pintor da SCAP – Sociedade Cearense de Artes Plásticas a convidou para participar de um curso de desenho e pintura. Lá, a artesã começou a expor seus primeiros trabalhos, nas exposições organizadas por esta instituição. Não havia fins lucrativos, como ela explica, e nem sempre os quadros eram vendidos. Na SCAP, Dona Nice conheceu o marido, também artista plástico.

Na época em que frequentava a SCAP, a artesã procurou um emprego como telefonista, para reduzir a oposição da família à pintura e também para ter recursos para adquirir os materiais que necessitava: “vou trabalhar na telefônica pra comprar minhas tinta (sic), meus pincéis, o que eu preciso que vocês ficam reclamando que eu só vivo gastando dinheiro e que essa arte não vale nada. Agora eu vou trabalhar pela minha arte. Ainda tava na SCAP.

Dona Nice trabalhou como telefonista por 11 anos. Após o casamento, deixou o emprego como telefonista para cuidar da sogra doente. Nessa época, o bordado ressurgiu em sua vida: “quando eu me casei e vim pra cá então eu comecei a bordar coisa minha. Aí fui bordar. Tinha parado, o que eu me admiro foi isso, depois de vinte e tantos anos, né”. No entanto, Dona Nice não abandonou as artes plásticas e conciliou as duas atividades.

Quando começou a se dedicar ao artesanato, Mestre Nice afirma que apenas bordava suas próprias roupas até que usou uma delas em uma exposição e um amigo, também artista plástico, se interessou pelo trabalho, até que Dona Nice bordou uma blusa para ele. A partir

daí, ela ressalta que os amigos e colegas de trabalho do marido passaram a fazer bastantes encomendas: “aí então todo mundo da secretaria que vinha aqui via as blusa. Olha eu fiz mais de trezentas blusas pra esse pessoal, pra quem ia pro exterior”.

Em 1973, a artesã decidiu se dedicar à arte-educação: “foi em [19]73 que veio o primeiro curso de arte-educação que o Governo Federal mandou, fez um convênio com o Governo Estadual pra botar arte-educação nas escola (sic). Foi uma coisa maravilhosa”. No ano seguinte, ela começou a dar aulas nas escolas estaduais. Dona Nice continua lecionando até hoje, embora ressalte que precisa interromper um pouco esta rotina em virtude de problemas de saúde.

Atualmente, Dona Nice enfatiza que está se dedicando apenas à atividade de arte-educação. Ela ministra suas aulas no Conservatório Alberto Nepomuceno e também ensina mulheres a bordar. Ocasionalmente é que pinta alguma tela ou trabalha como artesã.

A artesã sente-se feliz como carreira, principalmente por continuar transmitindo seus conhecimentos e por constatar que as pessoas estão dando continuidade ao seu trabalho e o tendo como ocupação: “me sinto muito bem. Fico tão feliz, as pessoas fazendo aquilo que eu ensino e já independente e tudo. É muito bom a gente ajudar os outros, muito bom”.

5.7 Análise geral dos casos

Os dados permitiram analisar as trajetórias de carreira dos artesãos e a evolução de seu trabalho artesanal, o que permitiu uma compreensão mais ampla das decisões tomadas pelos Mestres em relação às suas escolhas profissionais e o contexto em que os fatos ocorreram.

A análise revelou diferentes trajetórias de carreira, mas mesmo aqueles que iniciaram a vida profissional no campo do artesanato, também experimentaram outras ocupações até tornarem-se artesãos definitivamente. Ressalta-se, no entanto, que a atividade artesanal apresenta-se como a mais duradoura, na qual, inclusive, ocorreram uma série de mudanças, principalmente quanto à inovação na produção de novas tipologias de peças, o que significou uma evolução no trabalho dos artesãos, resultando em aspectos que diferenciaram seus trabalhos dos demais. Essa evolução quanto ao estilo de peças revela elementos importantes do comportamento empreendedor tais como a necessidade de criar algo novo (DEGEN, 1989; SCHEIN, 1993; 1996) e criatividade e capacidade adaptativa (FILION, 1999; TIMMONS, SPINELLI, 2003). A tendência para a inovação e criatividade é uma das características do comportamento empreendedor mais presente nestes artesãos, os quais demonstram preocupação com a originalidade e diferencial de suas peças.

O **Quadro 3** apresenta, de maneira resumida, os fatores que motivaram a inserção dos sujeitos na carreira empreendedora de artesãos, conforme o objetivo desta pesquisa.

| MOTIVAÇÕES PARA EMPREENDER NA INDÚSTRIA CRIATIVA DO ARTESANATO | |
|--|--|
| Espedito Seleiro | Aos 18 anos, adotou o artesanato como única atividade produtiva, com a qual se identificava e exercia desde os 8 anos de idade. Portanto, já tinha desenvolvido habilidades técnicas e artísticas. Além disso, sentia-se insatisfeito com a atividade comercial que tentou exercer na adolescência. |
| Maria Cândido | Aos 33 anos, passou a produzir peças utilitárias e a vendê-las, as quais foram bem aceitas no comércio local. A presença de habilidades naturais e a necessidade de sobrevivência, aliadas ao crescente interesse pelo artesanato, a fizeram abandonar a agricultura e tornar-se somente artesã. |
| Dona Francisca | Iniciou a carreira de artesã aos 12 anos de idade, quando uma tia a ensinou a preparar o barro e a modelar as peças. Desde então, conciliou o artesanato e a agricultura, pois a necessidade de sobrevivência a impedia de exercer apenas uma atividade. |
| Lúcia Pequeno | Inicialmente, dedicou-se ao artesanato para ajudar os pais, também artesãos. No entanto, somente aos trinta e quatro anos, diante do desemprego e da ausência de capacitação, é que passou a se dedicar exclusivamente ao artesanato. Fez menção ainda ao desejo de manter a tradição iniciada pelos pais. |
| Pedro Balaieiro | Decidiu dedicar-se ao artesanato aos vinte e seis anos, por sentir-se profundamente insatisfeito com o trabalho na agricultura. Mesmo sem ter experiência com cestarias e trançados, aceitou sua primeira encomenda de balaies, demonstrando assim, uma habilidade natural para a atividade artesanal. |

| | |
|-------------------------|---|
| <p>Dona Nice</p> | <p>O artesanato foi uma das atividades que exerceu ao longo de sua vida laboral. Demonstrou um talento natural ao voltar a bordar quase vinte anos após as primeiras aulas, apenas para ocupar o tempo ocioso na época em que precisou cuidar da sogra doente. A partir daí, passou a aceitar encomendas.</p> |
|-------------------------|---|

QUADRO 3 – Motivações para empreender na indústria criativa do artesanato.

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados coletados na pesquisa.

Constatou-se que Espedito Seleiro, Dona Francisca e Lúcia Pequeno são filhos ou parentes de artesãos, os quais, na perspectiva da carreira empreendedora, parecem ter atuado como modelos de referência, como explicam Greenhaus e Callanan (1994), Hisrich e Peters (2004) e Dolabela (2008). Embora todos os sujeitos tenham demonstrado talento ou habilidades únicos responsáveis por diferenciar suas peças e imprimir sua assinatura, Espedito Seleiro, Dona Francisca e Lúcia Pequeno puderam desenvolver essas habilidades ainda na infância.

Dentre os fatores ou motivos que contribuíram para a inserção na carreira empreendedora de artesãos, estão: a necessidade de realização (FILION, 1999; DORNELAS, 2005; GEM, 2009) relatada por Espedito Seleiro e Pedro Balaieiro; a necessidade de sobrevivência (FILION, 1999; DORNELAS, 2007; GEM, 2009) percebida nos relatos de Maria Cândido, Dona Francisca, Lúcia Pequeno e Pedro Balaieiro, a insatisfação com experiências profissionais anteriores (BROCKHAUS; HORWITZ, 1986; HISRICH; PETERS, 2004) como destacaram Espedito Seleiro e Pedro Balaieiro; a ausência de outras oportunidades de trabalho (FILION, 1999; GEM, 2009), como enfatizou Lúcia Pequeno, e a forte identificação com a atividade artesanal (GREENHAUS; CALLANAN, 1994; BYGRAVE, 2004; DORNELAS, 2005), apontada por todos os artesãos.

Todos esses fatores, com maior ou menor intensidade, fizeram com que os Mestres aceitassem os riscos inerentes à atividade artesanal empreendedora, característica comum aos empreendedores, segundo Klerk e Kruger (2002) e Hisrich e Peters (2004). No entanto, deve-se enfatizar que a necessidade de sobrevivência, aliada à ausência de outras oportunidades de trabalho, também se fez presente nos relatos.

Deve-se destacar ainda que, por apresentarem baixos níveis de capacitação, o que tornou difícil a sua inserção no mercado de trabalho e a ausência de outras oportunidades relacionadas a empregos ou ocupações, os artesãos tomados como sujeitos desta pesquisa parecem inserir-se no grupo de empreendedores involuntários (FILION, 1999) ou por necessidade (GEM, 2009), no qual as pessoas decidem empreender pelo fato de não conseguirem inserção no mercado de trabalho, sendo obrigadas a criar seu próprio emprego.

6 Considerações finais

Esta pesquisa teve o objetivo de investigar as motivações e a inserção dos Mestres ou Tesouros Vivos da Cultura Tradicional Popular, na carreira de artesão, no âmbito da economia criativa do Estado do Ceará. Para tanto, utilizou-se a perspectiva de carreira empreendedora, segundo Chanlat (1995).

Além da presença de habilidades e talentos inatos apresentados pelos artesãos, destacam-se outras razões que justificam sua inserção na carreira, tais como: necessidade de realização (Espedito Seleiro), necessidade de sobrevivência e identificação com a atividade (Maria Cândido, Dona Francisca, Lúcia Pequeno e Pedro Balaieiro), necessidade de autonomia (Dona Francisca), ausência de outras oportunidades de trabalho (Lúcia Pequeno) e ocupação do tempo livre aliada à forte identificação com a atividade (Dona Francisca).

Considerando os seis casos estudados, parece prevalecer uma espécie de determinismo, onde as atividades criativas são absorvidas ainda na infância (Espedito Seleiro, Dona Francisca, Lúcia Pequeno, Dona Nice) ou no princípio da vida adulta (Maria Cândido e Pedro Balaieiro), por influência de pessoas próximas e familiares (Espedito Seleiro, Dona Francisca, Lúcia Pequeno) ou pelo autodidatismo (Maria Cândido e Pedro Balaieiro). Por

outro lado, apenas um caso (Dona Nice) se afirma no artesanato a partir de atividade de treinamento, realizada ainda na infância.

Segundo os relatos, percebe-se também que, embora a atividade artesanal, enquanto inserida na indústria criativa, tenha grande potencial estratégico para gerar renda, empregos e, por conseguinte, desenvolvimento socioeconômico local, a mesma ainda é vista como uma atividade informal que remete ao empreendedorismo por necessidade, visto que, com baixos níveis de capacitação e ausência de opções de trabalho, estes artesãos se viram diante da necessidade de sobrevivência e, por isso, adotaram o artesanato como profissão, como está mais fortemente evidenciado nos casos de Dona Francisca e Lúcia Pequeno.

Propõe-se, como prosseguimento desta pesquisa, a elaboração de estudos que tomem como sujeitos os artesãos de outras regiões brasileiras, a fim de analisar o quão diferente é o seu processo de inserção profissional, como ocorre desenvolvimento de suas carreiras, quais os principais problemas enfrentados, identificar iniciativas e ações consideradas de sucesso e como estas poderiam ser aplicadas em outros locais, enfim, conhecer melhor estes agentes responsáveis pela geração de emprego e renda para o país, ao mesmo tempo em que mantêm viva a tradição e a cultura popular nacional, mas que, na maioria dos casos, permanecem na informalidade, embora sua atividade tenha grande potencial.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BARROS, L. A. S. **Design e Artesanato**: as trocas Possíveis. 2006. 132 p. Dissertação (Mestrado em Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- BATISTA, P. C. S.; GOMES, E. C. F.; VIEIRA, G. I. Indústrias criativas como fator de desenvolvimento local: o estudo de caso do município de Guaramiranga no Ceará. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL, 10, 2006, Salvador. **Anais... Salvador: CIAGS, 2006**.
- BENDASSOLLI, P. F.; WOOD Jr., T.; KIRSCHBAUM, C.; CUNHA, M. P. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 10-18, jan./mar., 2009.
- BNB. BANCO DO NORDESTE. **Ações para o desenvolvimento do artesanato no Nordeste**. 2. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002. 356 p.
- BORGES, J. D. Competitividade criativa. **GV Executivo**, v. 4, n. 3, p. 86-90, ago./out., 2005.
- BROCKHAUS, R.H.; HORWITZ, P. S. The psychology of the entrepreneur” In: SEXTON, D. L.; SMILOR, R. W. (Orgs.) **The art and science of entrepreneurship**. Cambridge: Ballinger, 1986. p. 25-48
- BYGRAVE, W. D. The entrepreneurial process. In: BYGRAVE, W. D; ZACHARAKIS, A. (Orgs) **The portable MBA in entrepreneurship**. New York: John Wiley & Sons, 2004. Cap. 1, p. 1-27.
- CHANLAT, J. F. Quais Carreiras e para Qual Sociedade (I)? **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 67-75, nov./dez. 1995.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- DCMS. **Creative industries mapping document**. Department for Culture, Media and Sport (Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido). Disponível em: < http://www.culture.gov.uk/reference_library/publications/4632.aspx>. Acesso em: 11 de outubro de 2008.

- DECON. **Estudos para o desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro**: a cadeia da indústria criativa no Brasil. Rio de Janeiro: DECON (Divisão de Estudos Econômicos), n. 2, 2008. Disponível em: <http://tinyurl.com/489ymqe>. Acesso em 11 de outubro de 2008.
- DEGEN, R. J. **O empreendedor**: fundamentos da iniciativa empresarial. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- _____. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo na prática**: mitos e verdades do empreendedor de sucesso. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- _____. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship)**: prática e princípios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- FILION, L. J. **Empreendedorismo**: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28, abr./jun. 1999.
- _____. Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. **RAE Light**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 2-7, jul./set. 2000.
- FLORIDA, R. **Cities and the creative class. City and community**, mar., p. 1-19, 2003.
- GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil - 2008**: relatório nacional. Curitiba: IBQP, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GREENHAUS, J. H.; CALLANAN, G. A. **Career management**. Orlando: The Harcourt Brace College Publishers, 1994.
- HARTLEY, J. Creative industries. In: HARTLEY, John. **Creative industries**. London: Blackwell, 2005. Cap. 1, p. 1-40.
- HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- HOWKINS, J. **The Creative Economy**: how people make money from ideas. London: Penguin Books, 2001.
- IBGE. **Perfil dos municípios brasileiros - Cultura**. Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2007. Disponível no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://tinyurl.com/2ubtt6r>. Acesso em 27 de novembro de 2008.
- JEFFCUTT, P. Management and the creative industries. **Studies in Culture, Organizations and Society**, v. 6, n. 2, p. 123-127, 2000.
- KLERK, G. J.; KRUGER, S. **The driving force behind entrepreneurship**: an exploratory perspective. 2002 Disponível em: <www.kmu.unisg.ch/rencontresband2002/F_04_deKlerk.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2007.
- KURATKO, D. F. **Entrepreneurship**: theory, process, practice. 8. ed. Mason: Cengage Learning, 2009.
- LIMA, A. A. M.; AZEVEDO, I. M. **O Artesanato nordestino**: características e problemática atual. Fortaleza: Banco do Nordeste/ETENE, 1982.
- LIMA, C. L. C. Debate sobre indústrias criativas: uma primeira aproximação para o Estado da Bahia. **Revista Desenbahia**, Salvador, v.2, n.3, p. 103-130, set.-mar. 2005.
- LONGENECKER, J.; MOORE, C.; PETTY, J. **Administração de pequenas empresas**: ênfase na gerência empresarial. São Paulo: Makron Books, 1997.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARCUS, C. **Future of Creative Industries**: Implications for Research Policy. European Commission. Belgium: European Communities, 2005.

- McCLELLAND, D. C. **The Achieving Society**. Princeton: Van Nostrand, 1961.
- MEIHY, J. C.S. B. **Manual de história oral**. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, n. 1, v. 2, p. 1-8, jul./dez., 1999.
- QIDI, W. Creative Industries and innovation in China. **International Journal of Cultural Studies**, v. 9, p. 263-266, 2006.
- RATZENBOCK, V.; DEMEL, K.; HARAUER, R.; LANDSTEINER, G.; FALK, R.; LEO, Ha.; SCHWARZ, G. **An analysis of the economic potential of the creative industries in Vienna**. Vienna: KULTURDOKUMENTATION / MEDIACULT / WIFO, 2004.
- REIS, A. C. F. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. São Paulo: Manole, 2007.
- _____. Introdução. In: REIS, A. C. F. **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. Cap. 1, p. 14-49.
- SANTAMARINA, C.; MARINAS, J. M. Histórias de vida e historia oral. In: DELGADO, J.; GUTIÉRREZ, J. (Orgs.) **Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1999. Cap. 10, p. 257-287.
- SCHEIN, E. H. **Identidade profissional: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho**. São Paulo: Nobel, 1996.
- _____. **Career Anchors**. San Diego: Pfeiffer & Company, 1993.
- SEBRAE. **Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro**. v. 1, n. 1, mar., 2008, 52 p. Disponível em: <http://tinyurl.com/48thqhf> . Acesso em: 30 de novembro de 2008.
- SILVA, H. M. **Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro**. 2006. 180 p. Tese (Doutorado em Administração). Programa de Pós-graduação em Administração da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getulio Vargas.
- THROSBY, D. **Economics and culture**. New York: Cambridge University Press, 2001.
- TIMMONS, J. A.; SPINELLI, S. **New venture creation: entrepreneurship for the 21st century**. New York: McGraw Hill, 2003.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2007.
- UNCTAD. **Creative Economy Report 2008**. Disponível no sítio da United Nation Conference on Trade and Development. Disponível em: www.unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf . Acesso em 03 de dezembro de 2008.
- UNESCO. **Final Report of the International Symposium on Crafts And The International Market: Trade and Customs Codification**. Manila: UNESCO, 1997. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001114/111488Eo.pdf> . Acesso em: 11 de setembro de 2009.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.